

O Dilema da Produção de Tanino na Fronteira Brasil-Paraguai

*Valmir Batista Corrêa**

*Lúcia Salsa Corrêa***

A exploração de tanino, retirado das matas de quebracho no extremo sul de Mato Grosso na primeira metade do século XX, representou uma das formas de incorporação dessa fronteira brasileira e paraguaia ao contexto econômico do mercado mundial. Foi, entretanto, uma inserção marginal que subordinou esta e outras atividades da economia mato-grossense às imposições de um contexto singular e de um dilema histórico: a integração de uma área rica em recursos naturais que, no entanto, se mantinha isolada face às suas limitações ambientais, sujeita ao regime de águas dos pantanais, e também carente de transportes, de gente e de capitais. A exploração de quebracho para a produção do tanino que se destinava aos mercados platinos e nacionais enfrentou muitos outros empecilhos, incluindo a forte concorrência de grupos argentinos instalados no Paraguai e interferências da política estadual.

Palavras-chave: fronteira; economia extrativa; indústria de tanino.

The exploration of quebracho for the production of tannin in the far south of Mato Grosso, in the first half of the 20th century,

Uma economia extrativa baseada na exploração do quebracho, árvore que produz tanino, desenvolveu-se na fronteira meridional de Mato Grosso por volta dos anos 30 aos 50 do século XX. Essa atividade surgiu na região da bacia do Prata, articulada à pecuária e aos seus subprodutos, em especial, couros bovinos e peles de animais silvestres. Isto porque o tanino foi o principal insumo no processo de beneficiamento de couros, largamente utilizado por curtumes platinos e destinou-se também aos estabelecimentos do Rio Grande do Sul e de outras praças nacionais e estrangeiras.

De fato, a exploração dos quebrachais nessa época, típicos de uma determinada região fronteira entre Ar-

* Doutor em História e professor visitante da UFMS

** Doutora em História e professora aposentada da UFMS. valmir.correa@uol.com.br

represented a form of incorporation of this Brazilian and Paraguayan frontier to the economic context of the world market. It was, however, a marginal insertion subordinating this and other activities of the economy of Mato Grosso to the impositions of a singular context and a historical dilemma: the integration of an area rich in natural resources which, though, remained isolated face to its environmental

limitations, subject to water of the swamps and demanding in terms of transportation, people and capitals. The production of tannin in Corumbá and Porto Murtinho faced many others impediments, including the strong concurrence of Argentinian groups installed in Paraguay and interferences of state policies.

Key words: frontier, extractive economy, tannin industry.

gentina, Paraguai e Brasil, contribuiu para a ocupação dos chamados sertões *vazios* (ainda inexplorados do ponto de vista capitalista), transformando-os em áreas novas para o capital e incorporando-as ao mercado platino de exportação de matérias-primas e de recursos naturais. A implantação e o funcionamento desta atividade, caracterizada por níveis de complexidade e de investimentos aparentemente inusitados na região sul de Mato Grosso, vinculou-se também ao contexto do sertão e da fronteira, cortada por uma das suas principais vertentes fluviais: o rio Paraguai e seus tributários.

A compreensão do contexto da fronteira, do ponto de vista de sua conquista e exploração econômica, passa necessariamente pela compreensão do sentido e da singularidade dessa região. A fronteira, de um modo geral, foi e é ainda um lugar especial e singular, território de conflitos e de contradições determinados por variados fatores, que articula relações do homem com a natureza (como a intervenção predatória no meio ambiente), bem como de grupos de conquistadores-pioneiros dos sertões que se chocaram com comunidades indígenas (o recorrente conflito índios *versus* posseiros). E, além disso, a fronteira é e sempre foi o lugar dos desencontros da história¹.

Desse modo, no Brasil, a relação conflituosa do homem pioneiro com o meio ambiente manifestou-se, desde o período colonial, através da exploração dos recursos não-renováveis dos sertões em caráter extensivo, primitivo e predatório. Já o conflito com os grupos indígenas revelou-se através de distintas formas, desde o genocídio até a cooptação de índios e de seus remanescentes como mão-

¹ MARTINS, José de Souza. *Fronteira. A degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.174.

de-obra imprescindível numa área de grande carência de gente e de capitais. Na fronteira, lugar privilegiado dos contrastes e da violência, foram recriadas algumas formas atrasadas de exploração da terra e de seus recursos naturais, como também foram reinventadas formas escravistas de exploração do trabalho. Além do mais, sob o impulso da penetração de relações capitalistas e da ação de empresas exportadoras monopolistas da região platina, a fronteira mato-grossense desenvolveu uma economia periférica e dependente das demandas dos mercados consumidores.

O contexto da fronteira mato-grossense

A árvore de quebracho, produtora de tanino, integrante dos bosques chaquenhos que ocupavam uma área correspondente à paisagem da grande baixada do (rio) Paraguai, apareceu tanto em território brasileiro como no paraguaio². Os quebrachais mato-grossenses, que correspondiam, na primeira metade do século XX, a uma área aproximada de 6 mil quilômetros quadrados, eram considerados “pobres” e de baixo rendimento. Nesta região o tanino foi retirado da espécie de quebracho popularmente conhecida como “branco” ou “macho”, cuja ocorrência foi a mais freqüente. Isso significava que, embora existisse nesse território a espécie “vermelha” de melhor qualidade para a extração de tanino, predominavam aí as espécies de quebracho que produziam menor quantidade e qualidade de tanino. Em outras zonas de exploração, como no Paraguai por exemplo, havia abundância do quebracho superior em produtividade, conhecido como “colorado”(vermelho) ou “fêmea” como é chamada a espécie *Schinopsis balansae*³.

No Mato Grosso, a produção de tanino incorporou o dilema histórico da fronteira que configurou esse caráter periférico e de complementaridade do contexto econômico da região platina. E, um aspecto importante no seu singular desenvolvimento foi a presença de capitais estrangeiros em atividades extrativas que se desti-

² HUECK, Kurt. Bosques Chaquenhos e Extração de Tanino no Brasil, in *Revista Brasileira de Geografia*, ano XVII, n.3, julho/setembro de 1955, p. 107-108.

³ ROCHA, Sizinio Leite. Quebracho. *Revista BRASIL OESTE*, Ano III, n.32, S. Paulo, dez. 1958, p. 32.

naram a explorar matérias-primas de alta aceitação no mercado mundial, provenientes dos abundantes recursos naturais da região ⁴. Ainda assim, de forma aparentemente contraditória, o território mato-grossense foi marcado pela pobreza e pela escassez de abastecimento e de capitais, permitindo tão somente a sua inserção marginal no mercado exportador platino. Tais fatores estiveram presentes em todo processo econômico regional e de modo mais acentuado na sua fronteira meridional, onde se desenvolveram a pecuária e a extração de erva mate, ambas produções de caráter extensivo, combinando expansão latifundiária com super exploração de mão-de-obra (peonagem, salários aviltantes, escravização por dívidas, e outras estratégias de controle e apropriação de mão-de-obra sob coação).

O sul de Mato Grosso não diferiu do resto do Brasil em relação à tendência predominante do capital, que entre nós dependeu da mediação da renda da terra para desenvolver-se e assegurar sua expansão. Tal processo, definido como a *reprodução ampliada do capital*⁵, é o responsável pela reinvenção de formas arcaicas de acumulação, características do período colonial, através da expropriação violenta de terras e da exploração da força de trabalho, tendências acentuadas em áreas de fronteira. Nesses termos, a violência surgiu como inerente às comunidades da fronteira, que se revelou como território de conflitos permanentes, cujos exemplos mais acabados foram os avanços das posses sobre terras indígenas e o aliciamento, pela força, de índios, bolivianos e paraguaios como mão-de-obra. A violência, como instrumento eficaz de ocupação dos sertões tornou-se, portanto, o elemento básico para a *reprodução ampliada do capital* em território do sul mato-grossense.

Esse conjunto de situações conflituosas e caracterizadas pela coexistência entre o “velho” (sobrevivência das formas arcaicas de produção) e o “novo” (apropriação e concentração dos meios de produção com investimentos estrangeiros em terras para a produção de matérias primas) ajudam, portanto, a explicar o desenvolvimento da economia da fronteira mato-grossense, marcado por fortes contrastes e contradições. Assim, a pecuária primitiva revelou-se como a

⁴ CORRÊA, Lúcia Salsa. *História e Fronteira*. O Sul de Mato Grosso. 1870-1920. Campo Grande: Ed. UCDB, 1999, p. 232-233.

⁵ MARTINS, José de Souza. op.cit., p. 30-32.

atividade preponderante no processo de ocupação do sul de Mato Grosso e teve suas origens no período que antecedeu a guerra com o Paraguai, bem como, posteriormente, a economia ervateira, ambas extensivas e de baixo nível técnico de produção.

Na verdade, uma aparente disponibilidade de terras, nos extensos campos de pastagens naturais dos pantanais e do cerrado, já havia atraído grupos de posseiros-pioneiros criadores de gado bovino desde os princípios do século XIX. Além da ampla oferta de terras, havia também gado alçado e bravo criado pela natureza generosa dos campos firmes do sul mato-grossense, originário dos rebanhos introduzidos pelos espanhóis em Assunção, desde o período colonial.

Entretanto, essa incipiente atividade criatória foi bruscamente interrompida pela invasão paraguaia, a partir de 1864-1865, com objetivos estratégicos definidos por Solano Lopez que considerava a banda sul de Mato Grosso um celeiro de produção de carne para seu exército e sua população, além de possível depósito de armas. A invasão e a guerra provocaram, então, a sua desorganização temporária.

O período pós-guerra foi de gradativa recomposição de toda atividade econômica e recuperação das áreas devastadas, inclusive com a captura do gado disperso, que ao sabor da natureza tornou-se novamente bravo. Na região fronteira e nos pantanais foram abertas novas fazendas, baseadas na antiga prática de criação extensiva de gado, ao passo que no extremo sul se iniciava a exploração dos ervais nativos.

Do ponto de vista técnico, a produção bovina de Mato Grosso manteve-se limitada pelo baixo rendimento e má qualidade dos seus produtos, sobretudo em virtude do caráter extensivo e predatório dessa economia sujeita às imposições do meio ambiente e do seu processo histórico conturbado e peculiar. A esse contexto acrescentaram-se, ainda, outros fatores complicadores do desenvolvimento econômico regional, sendo um deles a carência crônica de transportes e vias de comunicação (mesmo após o franqueamento da navegação fluvial pelo rio Paraguai), colaborando para que a região detivesse uma posição periférica e dependente de seus mercados consumidores⁶. Essas imposições não impediram, contudo, que a

⁶ CORREA, Lúcia Salsa. op. cit. Ver p. 182-200.

pecuária tivesse um crescimento gradativo e persistente na economia regional e se desdobrasse em atividades de aproveitamento dos subprodutos, como a produção e comercialização de couros salgados, de solas, de charque e outros derivados. A pecuária mato-grossense atraiu a atenção de empresas estrangeiras que adquiriram terras e compraram gado dos criadores vizinhos para explorar brechas no mercado consumidor de carnes salgadas (saladeiros)⁷.

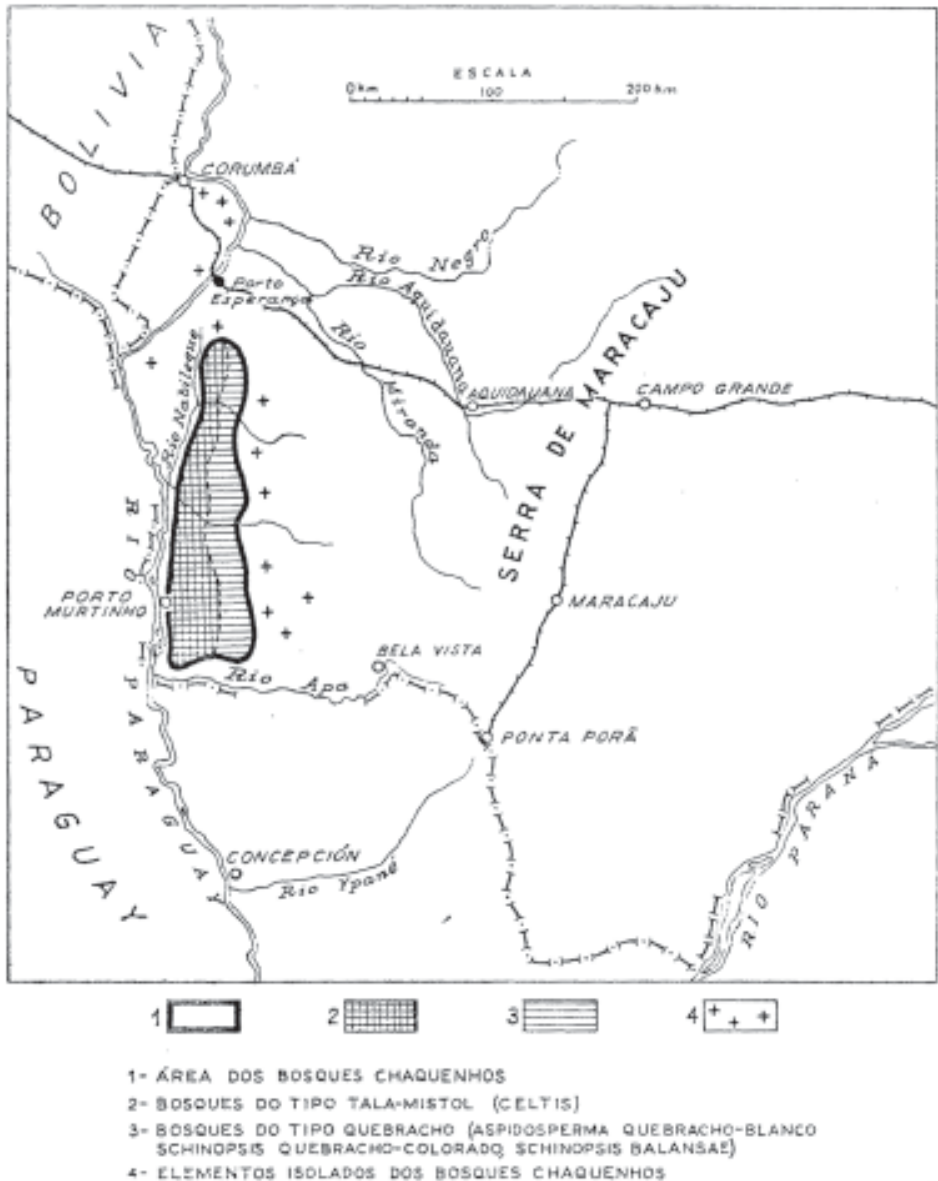
Chama a atenção, no entanto, o fato de serem inexpressivas as atividades de curtumes nessa região apesar da abundância de matéria-prima, tanto de couros de gado bovino, como também de peles de animais silvestres que detinham um mercado externo consumidor expressivo. Isso pode ser explicado, entre outros fatores, pela má qualidade da matéria-prima e pelo beneficiamento artesanal de peles, tanto de couros bovinos como de animais silvestres, produzidos com técnica rudimentar, artesanal e em pequena escala⁸, mediante a utilização de produtos abundantes na região dos pantanais, como os extraídos de madeiras do angico e do barbatimão.

Na mesma paisagem dos ervais nativos, amplamente explorados na fronteira meridional de Mato Grosso desde o fim da guerra, encontravam-se os bosques nativos de quebracho mato-grossenses.

⁷ Id. *ibid.*

⁸ A propósito ver BARROS, José de. *Lembranças*. Para meus filhos e descendentes. 2ª edição. São Paulo (1987), p. 41-42.

Bosques Chaquenhos no sul de Mato Grosso Corumbá e Porto Murtinho



Fonte: HUECK, Kurt. Op.cit. Figura 4, p. 346.

Porém, diferente da abundância dos quebrachais da extensa área chaquenha em outros territórios, havia apenas uma pequena presença dessas matas em território brasileiro. Esta ocorrência foi registrada nas duas margens do rio Paraguai, na fronteira paraguaia e brasileira abrangendo uma faixa dos pantanais, no atual município de Porto Murtinho e partes isoladas do município de Corumbá. Eram, portanto, territórios alagadiços, conforme atestou Virgílio Corrêa Filho⁹. Todavia, até por volta da década de 30 do século XX, o quebracho da banda brasileira não havia sido explorado em escala industrial. Os curtumes nacionais, concentrados no Rio Grande do Sul, bem como curtumes dos países platinos eram supridos pela produção de tanino da Argentina e do Paraguai¹⁰.

A extração de quebracho na região da bacia platina setentrional

A necessidade de investimentos de capital e de tecnologia na implantação da produção de tanino extraído do quebracho, e as perspectivas otimistas geradas pela crescente demanda dos mercados consumidores, provocaram uma valorização das terras dos quebrachais, o que ocorreu de fato no Paraguai com o *boom* da sua produção. Sobre o assunto, Arrojado Lisboa estabeleceu uma interessante comparação de preços das terras indicando a valorização dessas áreas no Chaco¹¹ paraguaio: “Nessa ocasião um hectare de quebrachal, que custava no Chaco

⁹ CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1969, p. 694.

¹⁰ O extracto de quebracho é importado pelo Brasil, em quantidade apreciável, de explorações industriais localizadas na Argentina e no Paraguay, quando poderíamos suprir as nossas necessidades e exportar alguma Coisa. Processo n°. 1395. Publica Forma do documento assinado por F. Collaço Veras, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1935. Dat. ArMT, Lata 1935.

¹¹ Chaco ou grande-Chaco é a denominação que se dá a uma grande área de mais de um milhão de quilômetros quadrados e da qual fazem parte territórios fronteiriços da Bolívia, do Paraguai, da Argentina e do Brasil. No caso brasileiro, essa região pode ser compreendida como um prolongamento dos pantanais do Mato Grosso do Sul, onde se encontram tanto áreas secas como úmidas, com vegetação típica dos cerrados, entre outras, e onde existiam os bosques nativos de árvores de quebracho.

\$580, ficou repentinamente valendo 5\$800, o que equivale em alqueire brasileiro de 4,84 a uma alta de 2\$580 a 25\$800¹².

No Paraguai, por volta de 1910, funcionavam quatro grandes indústrias de produção de tanino extraído da madeira do quebracho. Eram indústrias que ocupavam numerosa força de trabalho braçal, recrutada entre a própria população paraguaia, mas também dependia de um certo nível de complexidade técnica exigindo a presença de um grupo qualificado de trabalhadores, cujos elementos eram em sua maioria estrangeiros. As atividades dessa indústria, porém, remontaram à década de 1880, quando se iniciou a primeira fábrica de tanino no Paraguai, com produção anual de 1.000 toneladas. Em 1910, o índice de sua produtividade subiu para 4.200 toneladas anuais.

Bem mais tarde, na década de 1950, nas indústrias mato-grossenses de tanino o trabalho braçal ainda era realizado exclusivamente por trabalhadores paraguaios, enquanto dentro das fábricas nas atividades que exigiam qualificação técnica mínima as funções eram desempenhadas por trabalhadores brasileiros. Entretanto, a brutalidade do trabalho braçal sempre foi a mesma¹³. E, quanto aos trabalhadores braçais fica evidenciado que eram recrutados da mesma forma que os demais peões e camaradas das fazendas de criar e dos ervais, ou seja, na forma escamoteada do trabalho compulsório, o que ocorreu com frequência tanto no Brasil quanto no Paraguai.

A propósito dos investimentos estrangeiros na indústria paraguaia de tanino, Moniz Bandeira atesta que grupos econômicos sediados na Argentina adquiriram grandes extensões de terras na região chaquenha do Paraguai, a ponto de afirmar que a Argentina ocupava economicamente todo o grande Chaco. Junto de inves-

¹² LISBOA, Miguel Arrojado Ribeiro. *Oeste de S. Paulo. Sul de Mato-Grosso*. Geologia, Industria Mineral, Clima, Vegetação, Solo Agrícola, Industria Pastoral. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1909, p. 158.

¹³ “A região do quebracho é hostil ...O trabalho de abatimento da árvore é rude. Em primeiro lugar, corta-se a madeira que é logo depois transportada em carroças, denominadas “alças primas”, às quais se prendem os toros de quebracho com peso sempre superior à 1000 quilos que são puxados por duas ou três juntas de bois, desde as picadas da “obragem” até as “pranchadas” de onde em caminhões e tratores, são os toros levados até a ponta dos trilhos.” GEOGRAFIA DO BRASIL. *Grande Região Centro-Oeste*, V. II, serie A. Rio de Janeiro: IBGE-CNG, 1960., p. 269.

timentos norte-americanos, também presentes na região em 1918, a soma desses capitais chegava perto de um milhão de dólares. E isso provocou certa inquietação ao Brasil que vinha perdendo gradativamente sua influência sobre o Paraguai desde a guerra de 1864-1870¹⁴. Ainda segundo Bandeira,

A firma Casado & Cia., além das atividades ligadas à produção e comercialização de tanino, dedicara-se à criação de gado. Fundada por volta de 1886, quando Carlos Casado passara de Buenos Aires para Assunção e comprara, no Chaco, 3.000 léguas de terra, expandira tanto suas operações que, no início dos anos 30, possuía cerca de 134 km de estrada de ferro dentro de sua propriedade.

A Soc. Puerto Peñasco, a Soc. Industrias de Quebraixo e outras, bem como todas as empresas empenhadas na extração do mate, pertenciam totalmente a capitais da Argentina, cuja sucursal do Banco da Nación, em Assunção, apresentava um movimento financeiro maior do que o de todos os bancos estrangeiros reunidos¹⁵.

A empresa **Compañia Carlos Casado** empregava, no início do século XX, mil operários e dispunha inicialmente de 34 km de ferrovia, construída com seus próprios recursos, para o escoamento do produto até o rio Paraguai, além de um vapor com capacidade de transporte de 100 toneladas¹⁶.

Outra empresa produtora de tanino na região, a **Campos y Quebracho “Puerto Sastre” S/A**, fundada em 1905 com capital argentino e sede em Buenos Aires, funcionou com apenas 50% de sua capacidade de produção em 1910, devido à carência de mão-de-obra. Mesmo assim, iniciando as suas atividades com 850 operários, produziu 5.000 toneladas destinadas aos mercados da França, Áustria-Hungria, Inglaterra, Rússia, Alemanha, Itália e EUA. E, além da produção de tanino, esta empresa, como outras do mesmo gênero, combinava a atividade extrativa com a criação de gado, a produção de alfafa e de gêneros para abastecimento local¹⁷.

¹⁴ BANDEIRA, L. A. Moniz. A Guerra do Chaco, in *Revista Brasileira de Política Internacional*, ano I, n.º. 41, 1998, p. 167 e 173.

¹⁵ Id. *ibid*.

¹⁶ DECOUD, Arsênio López (Org.). *Album Gráfico de la Republica del Paraguay*. Buenos Aires: Talleres Gráficos de la Compañía General de Fósforos, 1911/1912, s/n.

¹⁷ Id. *Ibid*.

A terceira empresa, também de capital estrangeiro, foi a **Estancias y Quebrachales “Puerto Galileo” S/A**, iniciando com um capital de um milhão de pesos e 500 empregados e produzindo mensalmente 750 toneladas de tanino. Também dispunha de uma ferrovia com 30 km, energia elétrica para seu próprio consumo, dois pequenos navios a vapor e diversas chatas de 40 a 50 toneladas de capacidade para transporte¹⁸.

A última empresa a operar no Paraguai nesse início de século foi a **New York and Paraguay Company S/A**, com capital norte-americano, incorporando os bens da **Compañía Rosarina de Campos e Bosques**, com produção saindo de Puerto Pinasco, às margens do rio Paraguai, diretamente para o exterior. Com 1.000 trabalhadores e uma ferrovia interna de 45 km, sua produção de tanino era exportada para Nova Iorque em navios da própria companhia, sendo um deles com capacidade de transporte de 1.000 toneladas de carga¹⁹.

Assim, até a década de 1920, o Paraguai se tornou um dos principais provedores do mercado mundial de couros curtidos como fornecedor de extrato de quebracho (tanino), sobretudo para a Argentina e para os EUA. De fato, no período de 1925/1927, apresentou os seguintes índices de exportação:

**Exportação de Extrato de Quebracho
(1925 –1927)**

Ano	Produção/kilos
1925	64.662.268
1926	57.550.183
1927	46.975.502

Fonte: GONZÁLEZ, J. Natalicio, YNSFRÁN, Pablo M. *El Paraguay Contemporáneo*. Paris-Asunción: Editorial de Indias, 1929, p. 107.

Com certeza, parte desta produção não era exportada, destinando-se aos curtumes paraguaios, de acordo com a estatística abaixo.

¹⁸ Id. Ibid.

¹⁹ Id. Ibid.

Produção de Tanino – 1927

Empresa	Produção/kilos
Carlos Casado Ltda	10.706
Sociedade Florestal de Puerto Guarani	10.116
Compañia Internacional de Productos	26.216
S/A A. Campos y Quebrachales Fusionados	4.338
Total	51.376

Fonte: GONZÁLEZ, J. Natalicio, YNSFRÁN, Pablo M. Op. Cit., p. 107

Surgimento das indústrias de tanino no sul de Mato Grosso

No mesmo início de século, do lado brasileiro, as primeiras notícias sobre o interesse na produção de tanino davam conta das pretensões da **Empresa Extractiva e Pastoril do Brazil** para explorar o quebracho na região de Barranco Branco, na fronteira meridional de Mato Grosso, sem nenhuma continuidade posterior.

Na verdade, em território mato-grossense, as dificuldades para a implantação da indústria do tanino estenderam-se até fins da década de 1920, apesar do interesse de industriais e capitalistas estrangeiros na sua exploração. Em 1930, a legação diplomática da república da Tchecoslováquia, no Rio de Janeiro, fez uma consulta ao governo do estado de Mato Grosso sobre os direitos de exportação que incidiam sobre a madeira do quebracho e sobre a previsão de aumento, a curto prazo, do imposto a ser cobrado²⁰. Entretanto, não há registro a respeito da efetivação de investimentos em terras para a produção de tanino no sul mato-grossense nessa época.

Somente em 1934, o governo estadual distribuiu duas concessões para a exploração do quebracho localizadas em dois pontos da sua fronteira meridional: uma em Porto Murtinho (na divisa com o Paraguai) e outra em Corumbá (tam-

²⁰ Ofício do Ministro da Tchecoslováquia (Legação da Republica Tchecoslovaca) ao Presidente do Estado de Mato Grosso, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1930. Mss. ArMT, Lata 1930 A.

bém na região dos pantanais na divisa com a Bolívia). Todavia, tais iniciativas, num primeiro momento, foram infrutíferas e sem continuidade.

Além do mais, os resultados dessas concessões foram diferenciados para essas empresas, pois uma delas, a **A. Martinez**, obtendo o privilégio de exploração do quebracho em Porto Murtinho, não conseguiu viabilizar suas atividades industriais dentro do prazo estabelecido (quinze meses) contratualmente. Em meados de 1935, **A. Martinez** oficializou um pedido de prorrogação e uma “revisão do contracto feito para os moldes de uma concessão idêntica dada á Cia. Extractiva de Taninos, S. A., no municipio de Corumbá”²¹. Mesmo aplicando “bôa soma de dinheiro”²² em estudos e medidas preliminares para a instalação da fábrica, a empresa **A. Martinez** não conseguiu reunir capital necessário para levar a cabo seu empreendimento. Em defesa de sua solicitação afirmava que:

Seria infantil imaginar-se fosse possível, reunir um capital de cinco mil contos, para uma exploração industrial, em ponto tão distante dos centros financeiros e consumidores, sem vantagens apreciáveis oferecidas pelo Estado, uma vez que toda a nossa industria, até mesmo na capital da Republica, se tem levantado sob a bandeira do proteccionismo²³.

O apelo ao proteccionismo e a vulnerabilidade da empresa em lançar-se a uma batalha competitiva justificaram-se pela presença das grandes e já consolidadas empresas na Argentina e sobretudo no Paraguai, onde “quatro organizações poderosas” juntas ultrapassavam um investimento de “cincoenta mil contos”, segundo o documento²⁴. A empresa **A. Martinez** objetivava ocupar uma brecha do mercado consumidor nacional, atendendo a demanda dos curtumes brasileiros, sem a pretensão de concorrer no mercado externo.

Os esforços de implantação dessa empresa envolveram, igualmente, os interesses dos proprietários de curtumes do Rio Grande do Sul, que elaboraram um *Memorial*, com 53 assinaturas de representantes dos curtumes gaúchos em defesa da concessão dada à

²¹ Processo n°. 1395..., citado.

²² Id. Ibid.

²³ Id. Ibid.

²⁴ Id. Ibid.

Augusto Martinez, comerciante estabelecido em Santos, para instalar, em Porto Murtinho, uma fabrica de extracto de quebracho, industria esta cuja exploração interessa não só á economia gaucha, mas, também, á de outras unidades da federação²⁵.

Este documento refletia, com muita clareza, a forte concorrência entre empresas interessadas em explorar quebracho no Mato Grosso e gerou, por sua vez, uma verdadeira rede de intrigas a partir do conflito de interesses e da disputa pelo monopólio dessa exploração, incluindo grupos empresariais argentinos. Essas disputas remontam aos inícios de 1933, quando o comerciante Augusto Martinez uniu-se a Walter Hinckeldeyn, fabricante de tanino na Argentina, para instalar a indústria no Brasil sob os argumentos de evitar evasão de divisas do Brasil e proteger interesses regionais com o objetivo de “livrar da dependencia estrangeira evitando assim a canalisação de ouro para o estrangeiro”²⁶.

No entanto, o memorial desses produtores de couros denunciava a **Companhia Extrativa de Taninos, S.A.** (fundada em 1927), que ao receber uma concessão no município de Corumbá tomou providências no sentido de inviabilizar a construção da indústria de **A. Martinez**, resultando no afastamento de seu sócio, Walter Hinckeldeyn, “por força das determinações do trust que então se formou e ao qual está filiado, na Republica Argentina”²⁷. Essa última referência dizia respeito ao domínio da produção platina pela **Companhia Florestal Argentina**.

De fato, a força do monopólio exercido pela **Cia. Extrativa de Taninos S.A.** foi arrasadora para as pretensões de uma indústria brasileira, lançando mão de meios lícitos, e supostamente ilícitos também, apelando até mesmo para métodos pouco ortodoxos no sentido de abortar os negócios de um possível concorren-

²⁵ Offício de Flores da Cunha ao Dr. Getulio Vargas, DD. Presidente da Republica, Porto Alegre, 19 de julho de 1935. In Processo n. 1396. Memorial ao General José Antonio Flores da Cunha, DD. Presidente do Estado do Rio Grande do Sul. Novo Hamburgo, 19 de junho de 1935. Dat. ArMT, Lata 1935.

²⁶ Processo n. 1396. Memorial... citado.

²⁷ “...surgiram sérios contratempos entre os quaes a insinuação perversa e insidiosa de quem já goza de grandes favores no Estado do Paraná e no próprio Estado de Matto Grosso, no Municipio de Corumbá, o que conseguiu afastar da sociedade em organização o Snr. Walter Hinckeldeyn, que encontrou momento assim excelente para se desligar, pois, ficára inhibido de poder operar no Brasil com essa industria...”. Processo n. 1396, citado.

te²⁸. Exercia-se, desse modo, no mundo globalizado dos negócios, a “liberdade ilimitada de negócios”, que incluía disputas violentas, subornos e pressões políticas características das táticas do sistema concorrencial, concentrador e monopolista que ajudou a sustentar governos locais corruptos e políticos venais. O empresário Cezar Bardallo, um dos acionistas da **Cia. Extractiva de Taninos S.A.**, após desistir da exploração de tanino em Corumbá, propôs a Hinckeldeyn, então proprietário da fazenda Três Barras próxima de Porto Murtinho, a implantação em suas terras de uma indústria, transferindo toda a maquinaria necessária. Além de contar com o privilégio da concessão,

Esta seria de facto uma Companhia Brasileira, caso de bastante importância por tratar-se de uma radicação na fronteira do paiz, onde certos elementos do Governo e sobretudo militares evitam dar concessões a Companhia de paizes visinhos por temor de espionagem e outras coisas mais²⁹.

Um ano mais tarde, Hinckeldeyn foi alertado sobre as pretensões do empresário Bardallo de tentar obter as mesmas concessões do governo de Mato Grosso para explorar o quebracho em Porto Murtinho. Se não obtivesse sucesso nesse empreendimento, Bardallo prometia anular a concessão recebida por Hinckeldeyn, sem medir esforços ou dinheiro³⁰.

O memorial ressaltava ainda a necessidade de oferta de tanino nacional mais barato, para compensar os investimentos dos produtores gaúchos na empresa a ser formada por A. Martinez, amparado “em capitães nacionaes, dos quaes grande parte é gaúcho, subscripto por curtidores Rio Grandenses”³¹. De fato, e segundo esse mesmo documento, o extrato de quebracho estrangeiro era vendido no Brasil ao preço de Rs. 2\$000 a Rs. 2\$100 o quilo, enquanto o similar brasileiro poderia chegar aos mercados variando de Rs. \$900 a Rs. 1\$100 o quilo. O resultado desta proposta seria a exportação de solas preparadas em lugar dos couros crus, além da vantagem de criar mais empregos, absorvendo maior número de trabalhadores.

²⁸ Id. Ibid.

²⁹ Carta de L. E. Siegfried a Walter Hinckeldeyn, em 9 de fevereiro de 1935. Dat. ArMT, Lata 1935.

³⁰ Carta de Frederico Sierra a Walter Hinckeldeyn, em 12 de fevereiro de 1934. Mss. ArMT, 1935.. citado

³¹ Processo n° . 1396, citado.

Um documento anexado³² ao processo orçamentário para a instalação da fábrica de tanino em Porto Murtinho, do mesmo ano de 1935, afirmava que o Brasil estava consumindo 3.500 toneladas de tanino importado, podendo duplicar esse consumo se houvesse oferta de um similar nacional mais barato, para atender mais de 600 curtumes brasileiros em funcionamento, sendo, em números aproximados, 360 no Rio Grande do Sul, 100 em São Paulo e 80 em Minas Gerais. Quanto ao preço do produto importado, apresentava uma outra variação, com entrada no porto de Santos a Rs. 1\$000, chegando com o acréscimo dos direitos alfandegários a Rs. 1\$800. O curtimento de uma peça de couro de 30 quilos exigia, na época, um consumo mínimo de 12 quilos de extrato de quebracho, de forma que o custo final do produto poderia alcançar o valor de Rs. 24\$000, diga-se de passagem, alto para os produtores nacionais que muitas vezes não atingiam na venda o preço de mil réis o quilo. Assim, como estratégia para baratear esses custos, utilizavam muitas vezes similares brasileiros produzidos de forma artesanal, tornando o produto menos competitivo em relação à produção dos ingleses ou americanos de superior qualidade.

Na defesa da construção da fábrica de tanino em Porto Murtinho, o documento listava entre as vantagens a serem obtidas o fato de existir na fronteira brasileira, como já foi visto, duas qualidades de quebracho: a “embra” ou “fêmea”, que permitia um rendimento de 30% de tanino, e o “coronillo”, ou “macho”, que rendia de 15% a 18% de extrato, o que correspondia a uma meia verdade, ou exagero, lembrando que a maior ocorrência dos quebrachais brasileiros não rendiam tanto pela sua qualidade. Além do mais, sendo matéria-prima 60% mais barata em comparação com a Argentina, também contava com mão-de-obra 40% mais barata que a das demais regiões platinas. O documento destacava que o produto nacional poderia ser escoado contando com as facilidades de transportes pela navegação do rio Paraguai. Por fim, havia a informação de que um total aproximado de dez mil toneladas de madeira de quebracho já havia sido extraído e que sem qualquer controle governamental passou pela fronteira em direção às fábricas do lado paraguaio. A denúncia de contrabando não era algo incomum no movimento comercial da fronteira, quer se tratassem de mercadorias de abasteci-

³² Anexo do Memorial referente á instalação duma Fabrica para Extracto de Quebracho no Brasil. Mss. in Processo n°. 1396..., citado.

mento, quer fossem produtos regionais exportáveis. Basta lembrar que os descaminhos representaram uma forma recorrente, e praticamente consentida, de circulação de mercadorias diversas na fronteira meridional mato-grossense.

Esse mesmo memorial traz, ainda, um detalhado e interessante estudo sobre os custos da instalação da fábrica de tanino na fronteira brasileira:

Valores em réis da mão-de-obra necessária para o funcionamento de uma fábrica de tanino - 1935

SETOR	NÚMERO	FUNÇÃO	VALOR	SUB-TOTAL
ADMINISTRAÇÃO DA	1	Administrador	4:000\$	14:600\$000
	1	Chimico technico	4:000\$	
FÁBRICA E AUXILIARES	4	Auxiliares	6:600\$	
	1	Pezador		
	1	Encarregado porto		
	1	Correspondente		
	2	Auxiliares		
OFFICINA MECHANICA	1	Cobreiro	600\$	7:000\$000
	1	Torneiro	500\$	
	2	Mechanicos	900\$	
	1	Soldador	500\$	
	1	Fundidor	600\$	
	1	Ferreiro	450\$	
	1	Carpinteiro	450\$	
	1	Pedreiro	450\$	
	1	Electricista	450\$	
	7	Ajudantes	1:500\$	
1	Chefe de noite	600\$		
LABORATORIO	1	Chimico ajudante		500\$000
SERVIÇO EXTERNO DA FABRICA	1	Apontador	500\$	1:100\$000
	2	Guarda Nocturno	600\$	
CALDEIRAS	3	Foguistas	720\$	1:104\$000
	2	Ajudantes	384\$	
BATERIAS DE DIFFUSORES	3	Cosinheiros	864\$	2:496\$000
	3	Descarregadores	720\$	
	3	Operários para trituradores	720\$	
	1	Aprendis	192\$	
APARELHOS DE EVAPORAÇÃO	3	Operários		1:080\$000
TRITURADORES	3	Homens a 1\$200 p. h.	864\$	1:916\$000
	6	Homens a \$800 p. h.	1:052\$	
APARELHOS DE SULFITAÇÃO	6	Homens a 1\$000 p. h.	1:440\$	1:840\$000
	1	Afiador para triturador	400\$	
SALA DE MACHINAS	3	Machinistas	936\$	1.920\$000
	3	Ajudantes	648\$	
	2	Graxeiros	336\$	
DIVERSOS	3	Ensacadores	900\$	2:400\$000
	2	Capatazes	700\$	
	2	Faxineiros	300\$	
	1	Cosinheiro e ajudante	500\$	
TOTAL				35:956\$000

FONTE: Processo n. 1396. Memorial..., 1935, citado.

Além dessas estimativas de custos com mão-de-obra e outras previsões de investimentos, o documento reiterava informações sobre as empresas paraguaias concorrentes e também registrava estudos sobre a possibilidade de lucros com a venda do produto. Os custos finais dessa empreitada para instalar efetivamente uma fábrica de tanino em Mato Grosso foram estimados em Rs. 4.072:000\$000, assim discriminados:

Projeto orçamentário para a fabrica de tanino em porto murtinho – 1936

Deposito para garantia do contracto com o Governo Federal (podendo ser em apolices da Divida Publica)	100:000\$000
Deposito adeantado para fiscalização por parte do Governo Federal	18:000\$000
Deposito para garantia do contracto perante o Governo de Matto Grosso	20:000\$000
Taxa de expediente: 10% sobre o valor dos direitos dos machinismos e aparelhagem a serem importados com isenção de direitos	140:000\$000
Edificio: estrutura metallica, cobertura de asbesto app. US\$ 21.000\$ (verificar)	294:000\$000
Machinismos app. (verificar)	2.000:000\$000
Montagem do edificio e machinismos frete para os mesmos	500:000\$000
Iniciação e custeio da fabricação (saccaria-salarios, etc.)	600:000\$000
Eventuaes (diff. de cambio etc.)	400:000\$000
Total	4.072:000\$000

FONTE: Processo n. 1396. Memorial..., 1935, citado.

Na verdade, o empreendimento exigia um montante de capital extraordinário para a época e para o lugar, uma região pobre e distante dos grandes centros econômicos apesar dos seus aparentemente inesgotáveis recursos naturais. Pode-se, então, aquilatar as dificuldades que A. Martinez e seus sócios encontraram para viabilizar essa fábrica, levando em conta a forte concorrência de empresas e de investimentos forâneos em toda a região platina.

Dessa forma, altos encargos e obstáculos de natureza variada inviabilizaram a empreitada de A.Martinez, motivando um pedido de prorrogação da concessão de privilégio para a exploração do quebracho (expirada em 6 de abril de 1935), para mais 18 meses³³. Ao solicitar a prorrogação da concessão fez nova reivindi-

³³ Offício de João Lourenço de Figueiredo ao Exmo. Sr. Dr. Fenelon Muller, DD. Interventor Federal do Estado de Mato Grosso, Cuyabá, 6 de abril de 1935. Mss. ArMT, Lata 1935.

cação: “isenção de taxas ou impostos de transmissão, estadual ou municipal, [n]a compra ou arrendamento de matas ou terras no município de Porto Murtinho”³⁴, a exemplo do que o governo do estado mato-grossense já havia concedido à **Companhia Extractiva de Tanino, S.A.**, em Corumbá. No entanto, a prorrogação poderia ser concedida, conforme o contrato estabelecido com o estado caso houvesse um motivo de “força maior” que impedisse seu cumprimento, amparado em seu artigo 5º³⁵.

As alegações de A. Martinez não foram convincentes para o governo estadual, pois suas pretensões foram definitivamente sepultadas com o indeferimento assinado, na mesma petição, pelo interventor federal do estado, Fenelon Müller³⁶.

Em julho de 1935, os acionistas da **Companhia Extractiva de Taninos, S.A.**, mudaram a sua denominação para **Florestal Brasileira S.A.** com sede no Rio de Janeiro, e em ofício ao governo do estado renunciaram à concessão para exploração com exclusividade de uma indústria de tanino no município de Corumbá, por um prazo de 20 anos³⁷. A assembléia dos acionistas, realizada no Rio de Janeiro, determinou não só a mudança da denominação da empresa, como também a elevação de seu capital, a reforma dos seus estatutos e decidiu oficialmente pela transferência da implantação da fábrica de Corumbá para Porto Murtinho³⁸. Segundo Belmiro Mendes de Vasconcellos, diretor da **Cia. Extractiva de Taninos S.A.**, e um dos representantes da acionista **Companhia Calçados Bardallo**, essa transferência para Porto Murtinho, “e o aumento de sua capacidade de produção (...) exige que o capital da companhia seja elevado para quatro mil contos de reis, o que representa um aumento de mil e quinhentos contos de reis, sobre o actual capital...”³⁹.

³⁴ Id. Ibid.

³⁵ “Consideram-se motivo de força maior para justificarem a falta de instalação dos mecanismos ou funcionamento destes: guerra ou grave comoção intestina no Brasil, paralyzação do trafego da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, por mais de 3 mezes consecutivos, grandes cheias ou grandes vasantes do rio Paraguay, grande enfermidade de qualquer dos concessionários, tudo isso, dentro do prazo de 15 mezes.” Explicações de José Luiz d’Oliva Bastos, chefe da 2ª secção da Secretaria Geral do Estado ao Secretario Geral do Estado, Cuiabá, 13 de abril de 1935. Dat. ArMT, Lata 1935.

³⁶ Id. Ibid.

³⁷ Ofício da Florestal Brasileira S.A. ao Governador do Estado de Matto Grosso, Cuyabá, 11 de setembro de 1935. Mss. ArMT, Lata 1935.

³⁸ *Diário Oficial*, Rio de Janeiro, 1º de agosto de 1935.

³⁹ Id. Ibid.

Desse modo, a **Cia. Florestal Brasileira S.A.** e, em 1936, a **Quebracho Brasil S.A.** passaram a operar regularmente no Mato Grosso, sediadas em Porto Murtinho. Ambas empresas funcionaram por décadas com manejo predatório de suas reservas, sem a preocupação de perenizar os quebrachais tornando-os sustentáveis através de replantio, por exemplo, ou introduzindo a espécie do quebracho colorado em território brasileiro para viabilizar a continuidade e a competitividade da produção dessa matéria-prima mato-grossense.

É interessante observar também que a produção de quebracho das duas indústrias mato-grossenses destinaram-se aos mercados de São Paulo e Rio de Janeiro, sendo escoada rio Paraguai acima até Porto Esperança e depois embarcada na ferrovia Noroeste do Brasil⁴⁰.

A lógica singular de uma economia na fronteira

As empresas produtoras de tanino de Mato Grosso representaram, em última análise, o modo peculiar de uma atividade exploradora de recursos naturais disponíveis em larga escala para a produção de matérias primas. Isto significava o enfrentamento de um dilema, à medida que essa economia combinava altos investimentos, certa complexidade tecnológica, participação num mercado especializado e muito competitivo e, ao mesmo tempo, a realização da exploração extensiva dos bosques nativos de quebracho, a super exploração de mão-de-obra braçal, produção com nível técnico e qualidade inferiores aos dos concorrentes platinos e, ainda, a costumeira prática dos descaminhos e das interferências da política oligárquica estadual.

O contexto econômico da exploração do quebracho mato-grossense deve ser compreendido, ainda, à luz do contexto histórico e singular do mercado mundial, a partir do final do século XIX. O *boom* exportador característico do desenvolvimento dos países platinos, nessa época, envolveu também a região de Mato Grosso, o que explica a participação de sua banda fronteiriça em atividades ex-

⁴⁰ Ver GEOGRAFIA DO BRASIL, op.cit., p. 269.

portadoras de matérias primas, com investimentos significativos, tais como a exploração da erva mate, a pecuária e a produção de seus subprodutos⁴¹ e, em menor escala mas não menos importante, a exploração do quebracho.

As indústrias mato-grossenses de tanino encerraram suas atividades com grande probabilidade em decorrência da combinação de muitos fatores, tais como a forte concorrência do mercado platino e a falta de fôlego dos empresários locais para fazer frente à força monopolista das empresas estrangeiras. Além da má qualidade do produto mato-grossense e dos preços nada atraentes do mercado consumidor, havia que se considerar os gargalos e limites naturais da zona fronteiriça pantaneira, com seu típico regime de águas e a precariedade dos transportes sujeitos aos obstáculos causados pelas cheias e vazantes do rio Paraguai. E, além disso tudo, havia o custo do frete ferroviário, no longo trajeto Porto Esperança-S. Paulo e Rio de Janeiro. Por fim, um outro problema residia no manejo extensivo e predatório das matas de quebracho e da total falta de investimentos na sustentabilidade dessa atividade, com a renovação dos quebrachais pelo plantio⁴².

Entretanto, a despeito das contradições e obstáculos, a economia extrativa do quebracho representou, num determinado tempo, uma das formas de incorporação do sul de Mato Grosso ao mercado mundial, globalizado e regido pelas determinações históricas do desenvolvimento do capital. Foi, contudo, uma incorporação marginal e dependente das conjunturas e demandas externas, o que marcou de modo indelével o singular desenvolvimento histórico de sua fronteira.

ABREVIATURAS UTILIZADAS

ArMT - Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Cuiabá/MT.

Dat. - Datilografado.

Mss. - Manuscritos.

⁴¹ CORRÊA, Lúcia Salsa. op.cit. Ver capítulo A Inserção da Fronteira no Mercado Mundial, p. 141-162.

⁴² “...árvores de quebracho são cortadas, e em seu lugar não aparece mais outro espécime de quebracho.” ROCHA, Sizinio Leite. op.cit.

